**O PERDÃO**

Jesus fala-nos na necessidade vital de perdoar, de perdoar de todo o coração. Não se trata, aqui, de um perdão prematuro, de um perdão barato, tipo «deixa lá», «não te preocupes» «não ligues», «esquece». Esse é um tipo de perdão, que absolve sem dar tempo, sem fazer o esforço de examinar o que a amargura diz à alma. É um perdão de disfarce, para dar na vista, mas que deixa a ferida aberta, ou que a tapa sem curar. Este falso perdão pode fazer submergir em nós sentimentos que, de repente, virão de novo à tona, talvez deslocados, mas que, ainda assim, lá estarão, até que os enfrentemos a sério. O verdadeiro perdão, tal como o perdão de Deus, é assente no pleno reconhecimento do ato que trespassou o nosso coração, no pleno conhecimento do motivo, na plena aceitação da condição humana: afinal as pessoas são assim, fazem mesmo este tipo de coisas. E eu sou como essas pessoas, a quem Deus perdoa sempre. “*Quando estivermos ofendidos ou desiludidos, é possível e desejável o perdão; mas ninguém diz que seja fácil*” (AL 106). Então porque é tão difícil perdoar?

**Porque é difícil perdoar?**

1. Perdoar é mais difícil do que amar, porque quem perdoa tem de intervir num amor já vivido e ferido, se não mesmo fracassado, ou seja, num contexto marcado pela derrota. O perdão não se pode valer do arrebatamento da paixão inicial.
2. Perdoar é difícil, porque nos obriga a viver sob o signo do dom e da gratuidade absoluta. Perdoar é doar de forma excessiva, sem que haja justificação alguma, por parte do recetor, sem que haja mérito algum naquele a quem o dom é concedido. Por isso, para se perdoar assim requer-se a memória do dom recebido, do perdão recebido, do amor maior que nos precedeu.
3. Perdoar é difícil, porque parece pôr em causa a exigência da justiça. O perdão é visto como antítese do castigo que tentaria travar a expansão do mal. E podia ser visto como esquecimento, ato de leviandade, de irresponsabilidade perante aquele que fora ferido e humilhado.
4. Perdoar é difícil porque supõe acreditar que é possível renascer e recomeçar em qualquer relação. Nesse sentido, perdoar é um “sim”, cheio de esperança, que se antecipa ao caminho de conversão iniciado pelo outro. É mais fácil que o arrependimento venha depois do que antes do perdão. Perdoar não é voltar atrás, não é reajustar o que está velho, mas seguir em frente, recomeçando.

**O que é e não é o perdão?**

1. ***O perdão é divino. Não é uma expressão espontânea da nossa natureza humana*.**

Quando dizemos no Pai-Nosso, “*perdoai-nos com nós perdoamos*” isso tem a ver com a circulação de Deus em nós. Tem a ver com o dom da filiação divina. O perdão não é uma coisa que eu crio em mim, mas algo que deixo Deus fazer em mim. Trata-se de deixar que Deus venha à minha história e que a sua lógica se faça a minha. Para perdoar é preciso deixar Deu atuar e deixar que Deus entre na história entre mim e o outro. A memória do perdão recebido capacita-me para o perdão oferecido. A incapacidade de perdoar resulta, muitas vezes do esquecimento do próprio pecado e da remissão obtida, conforme lemos na parábola que se segue ao «perdoar setenta vezes sete» (Mt 18,21-22). O perdão é aceitar não colocar o acento nem no ofendido nem no ofensor. Implica dar lugar a um terceiro, que é Deus, para viver o amor que contemplamos em Deus. Há que reconhecer o perdão de Deus. O seu perdão precede-nos e constitui-nos. O perdão é divino. “*Isto pressupõe a experiência de ser perdoados por Deus, justificados gratuitamente e não pelos nossos méritos. Fomos envolvidos por um amor prévio a qualquer obra nossa, que sempre dá uma nova oportunidade, promove e incentiva. Se aceitamos que o amor de Deus é incondicional, que o carinho do Pai não se deve comprar nem pagar, então poderemos amar sem limites, perdoar aos outros, ainda que tenham sido injustos para connosco. Caso contrário, a nossa vida em família deixará de ser um lugar de compreensão, companhia e incentivo, e tornar-se-á um espaço de permanente tensão ou de castigo mútuo*” (AL 108).

1. ***Perdoar é mais do que desculpar.***

A desculpa é qualquer coisa de racional. Compreendemos as razões, as atenuantes, as condicionantes de quem nos ofende e desculpamos. “*Entretanto a tendência costuma ser a de buscar cada vez mais culpas, imaginar cada vez mais maldades, supor todo o tipo de más intenções, e assim o ressentimento vai crescendo e cria raízes*” (AL 105). Ora o perdão excede o mérito e a compreensão. É o jugo suave do coração manso. Só o excesso de amor, a sua desmesura, permite oferecer o perdão, impressível, sem condições, sem medida, unilateral. Não há misericórdia sem este excesso. A misericórdia não é dar ao outro o que o outro merece, mas dar por cima, dar além ir mais longe.

1. ***Perdoar não é esquecer. É purificar a memória.***

Há marcas que perduram e que não conseguimos esquecer. Pelo contrário, a pergunta é precisamente a de saber se alguma vez vamos perdoar uma ofensa que nunca mais vamos esquecer. Perdoar não é esquecer. É recordar de modo diverso, vendo na ofensa recebida uma oportunidade de amar sem medida, um desafio a romper com o bem o círculo do mal. Neste sentido, o perdão supõe a purificação da memória. O que Jesus nos pede é que não nos fixemos na memória das ofensas passadas, mas que nos lembremos que todos somos perdoados. “*A memória das injúrias (o rancor) é veneno da alma, verme roedor constante, perda da caridade, cravo afincado no coração, dor aguda, amargura voluntária*” (São João Clímaco, Escada do céu). Pelo contrário, a memória do perdão recebido, torna-me mais capaz do perdão oferecido. Aprendemos a amar no amor com que somos perdoados!

1. ***Perdoar não é injusto nem é “fazer-se justiça”*.**

Muitas vezes perante a justiça não há hipótese senão de condenação. Não há justiça sem perdão (João Paulo II, Mensagem para o Dia Mundial da Paz 2002). Mesmo cumprindo a pena, o ofensor precisa de perdão. Uma justiça sem perdão acabaria por ser injusta. “*A justiça por si só não é suficiente e a experiência mostra que, limitando-se a apelar para elam corre-se o risco de a destruir, por isso Deus com a misericórdia e o perdão vai além da justiça*” (MV 21). Não é o perdão que é injusto, mas a nossa justiça é que é inadequada, incapaz de apreender plenamente a complexidade da situação que pretende julgar. Se queremos ser pessoas moderadas, se queremos ser apenas justos, se queremos fazer apenas o que está certo, seremos até boas pessoas, mas não conheceremos o evangelho da misericórdia.

1. ***Perdoar não é uma afirmação de poder ou de superioridade sobre o outro.***

É uma atitude de humildade, porque me reconheço sem mérito e pecador, e de gratuidade, porque dou para além da falta de mérito do pecador. Por isso, para perdoar é preciso d*eixar-se perdoar:* aceitar que a imagem de mim mesmo não corresponde à imagem ideal que cultivo no meu íntimo e apresento diante dos outros. O verdadeiro prodígio não é ver os anjos, é ver-me a mim próprio. Isto abre a porta ao perdão de Deus, que assim pode penetrar em mim e sarar as feridas. Perdoar-se é reconciliar-se consigo mesmo.

**Alguns caminhos para o perdão**

***1. O primeiro caminho é o de assumir, eu mesmo, a minha condição de pecador.***

Eu sou tão fraco, como aquela pessoa que me ofendeu! Quando nos conhecemos a nós próprios, quando reconhecemos os nossos pecados, torna-se muito mais fácil perdoar aos outros. A incapacidade de perdoar a alguém vem da incapacidade de nos deixarmos perdoar a nós mesmos. E a incapacidade de nos deixarmos perdoar vem da falta de humildade, em reconhecer o nosso pecado. E sem este reconhecimento, Deus fica fora de cena. Por isso, peçamos a Deus, a graça de nos sentirmos pecadores. “*Faz falta rezar com a própria história, aceitar-se a si mesmo, saber conviver comas próprias limitações e inclusive perdoar-se, para poder ter esta mesma atitude com os outros*” (AL 107).

2. O segundo caminho é o de saber que *a minha vida é rica de mais, para ser destruída por uma ofensa*, por um ato que vem de fora, por qualquer coisa que é exterior a mim. Se a nossa vida estiver mais assente no que somos, do que naquilo que os outros nos fazem ou fazem de nós, haverá muito menos coisas a perdoar. *É preciso assumir isto: O que te destrói não é o que os outros te fazem, mas aquilo que tu fazes*. E é esse (mal) o alvo a abater e a combater. Concentra-te nas tuas falhas e não na ofensa recebida, pela falha dos outros. Se assim for, embora o mal te tenha sido feito, o teu espírito permanece intacto e até se robustecerá. Perdoar a alguém não quer dizer que aquilo que a pessoa te fez está certo; só quer dizer que aquilo que ela te fez, no final de contas, não pode destruir-te. “

**3. *Para perdoar, não nos deixemos atingir pela ofensa, não levemos em conta o mal recebido*.**

Se permitirmos a entrada de um mau sentimento no nosso íntimo, damos lugar ao ressentimento que se aninha no coração e nos destrói como um verme. Ora o amor não leva em conta o mal recebido. A ira, a mágoa, a amargura, atingem muito pouco aquele que nos magoou… mas magoam-nos profundamente a nós, se nos fecharmos sobre nós próprios, dando demasiado importância à ofensa recebida. A ira, o rancor, consome-me o coração, envenena-me a mente, esgota-me as energias e endurece-me a alma. Aquilo que eu me recuso a perdoar, continua a fazer-me mal. É um ácido derramado na própria alma. Para quê determo-nos naquilo que nos magoa? Porquê permanecer atolado no pântano da amargura? Sem o perdão a vida é governada por um ciclo de infinito ressentimento e de retaliação. A vida é uma aventura de perdão. Deixar de perdoar, manter a memória fixa da ofensa é um fardo demasiado pesado para se carregar. Asfixia a alegria da vida. Bloqueia a nossa capacidade de nos movermos. Torna impossível o crescimento. Paralisa-nos no veneno da serpente que nos mordeu. O perdão liberta-nos do fardo da ira. Aquilo que me recuso a perdoar continua a causar-me mal. O perdão ocorre quando já não sentimos necessidade de guardar rancor. A paz só vem quando perdoamos. Se queres a paz, oferece o perdão.

1. ***Se é dom, o perdão deve ser invocado: perdão e oração.***

Para perdoar de todo o coração é preciso rezar. Porque rezar é abrir portas, para deixar Deus entrar. *“Quando não rezamos, fechamos as portas ao Senhor para que Ele não possa fazer nada. Pelo contrário, diante de um problema, de uma situação difícil, de uma calamidade, a oração abre as portas ao Senhor, para que Ele venha. Ele refaz as coisas, Ele sabe arranjar as coisas, colocá-las no lugar. Rezar é isso: abrir as portas ao Senhor. Se as fecharmos, Ele não pode fazer nada*” (Papa Francisco). Não é possível o perdão sem oração.

Bibliografia principal:

Joan Chittister, *O sopro da vida interior*, Ed. Paulinas, 2012, 177-187

José Tolentino Mendonça, *Elogio da Sede*, Ed. Quetzal, Lisboa 2018, 119-136

José Tolentino Mendonça, *Pai-Nosso, que estais na terra*, Ed. Paulinas, Prior Velho, 119-128

Papa Francisco, *Amoris laetitia*, 105-108

Sabino Chialà, *Perdão e esperança. Restaurar o tempo*, Ed. Paulinas, Prior Velho 2017